

São Paulo e a Natureza: Aproximações pelo Abismal

Mila Goudet

Introdução

Na França, quando pensamos no infinito, são sempre metáforas que vêm à mente. Mas em São Paulo o infinito é tomado ao pé da letra. Ei-nos aqui, nós, que fomos formados no senso da medida, no espírito das idéias claras e distintas, para quem os contrastes são mais freqüentemente graduações imperceptíveis, ei-nos confrontados com o gigantismo, as misturas, as contradições absolutas. [...] O que faz ainda a especificidade de São Paulo tão radicalmente oposta à ponderação e à temperança francesas, às nossas pequenas cidades sob a pátina dos séculos de história, aos nossos pequenos hábitos, é essa estrita relação entre o primitivo e o moderno, essa espantosa capacidade de produzir mestiçagens, ou seja, de juntar o que nós separamos. (Laplantine, 1993:15-16)

Para descrever São Paulo não há números suficientes, embora seus índices oficiais insistam em inscrever de forma abstrata suas dimensões quase infinitas. Os índices de São Paulo revelam sempre recordes, tanto em excesso como em déficits. Porém é na inquietude de suas ruas e no anonimato de sua arquitetura que São Paulo se inscreve, não em um retrato, mas nos golpes na retina de quem vive a cidade.

Procuraremos entender São Paulo a partir de seus sistemas constitutivos considerados secundários, apesar de numericamente importantes, na composição do complexo e inacabado mosaico urbano da cidade.

Por isso privilegiamos a análise da rua, onde a vivacidade da cidade é mais farta. Ao invés de ambientes controlados tais como shopping centers, hiper-mercados e torres de escritórios e de serviços, demos preferência aos comércios informais, lojas de artigos de segunda mão, mercadinhos, feiras livres e bancas de ambulantes, pois estas formas de comércio acumulam camadas de cultura e de temporalidades multi- dimensionais, que permitem leituras transversais do espaço urbano. São contextos *ao vivo* que podem ser apalpados, cheirados, experimentados. Podem ser chamados de sistemas abertos, sujeitos às chuvas, aos feriados nacionais, às estações do ano, como também à ação da polícia e da prefeitura

Natureza abismal

... a primeira palavra americana que passou para o idioma universal, agarrada pelos naufragos dos descobrimentos, é furacão. (Carpentier, 1969:12)

Através da frase, o autor cubano Alejo Carpentier fisgou um instantâneo do complexo processo de colonização do continente latino-americano, nos lembrando de que ainda no caminho para o *novo mundo*, as realidades indomáveis se apresentam aos navegantes sob a forma de vendavais, tornados, maremotos e enervantes calmarias, antevendo aos viajantes as intensidades da terra desconhecida da qual se aproximam.

Não há comprovação da veracidade da afirmação de Carpentier, mesmo porque tal verdade é irrelevante. O autor ultrapassa o fato, constrói no lugar da verdade uma intensidade. Na frase está contido o processo de ocupação das terras novas, que se desdobrou em tantas outras intensidades, contíguas aos acontecimentos das viagens marítimas, que podemos até dizer que naufrágios e furacões são acontecimentos decisivos na constituição do homem enxertado na encruzilhada da colonização das Américas. O europeu que chega aqui é, portanto, de partida um naufrago, que tem atrás de si o oceano transcontinental e à sua frente a *americana-desmesura* (Carpentier, 1969:22-23)¹ das distâncias geográficas.

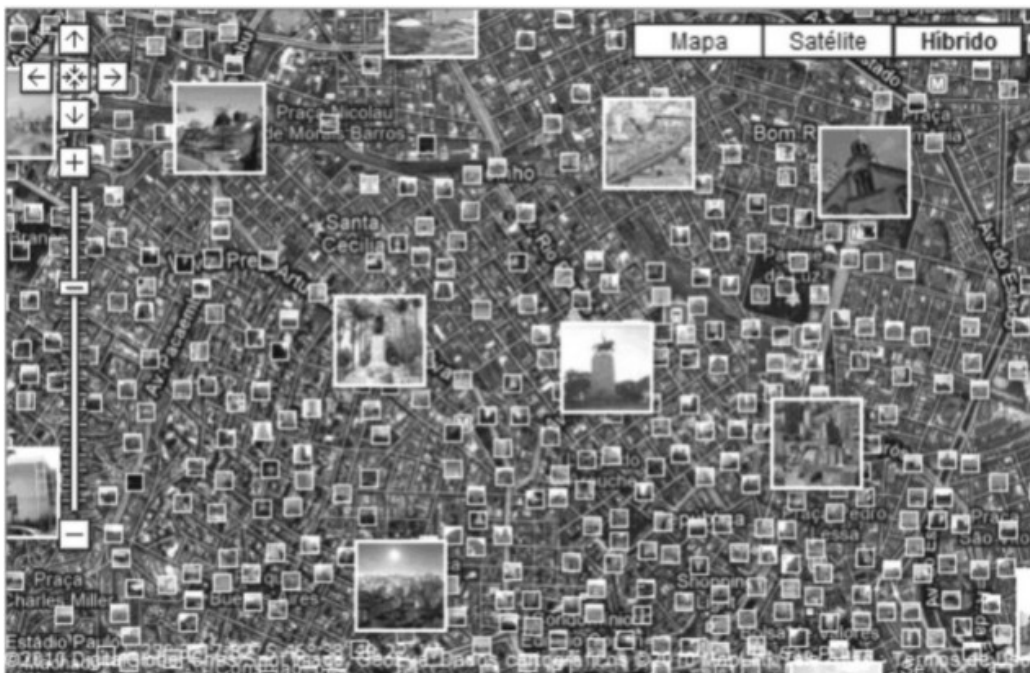
E os desembarques continuaram a acontecer, espalhando pelo continente grandes quantidades de portugueses desterrados, religiosos em missão, árabes expulsos da península ibérica, escravos nobres, escravos pobres e aventureiros de toda espécie. Aqui as legiões de estrangeiros encontraram a mata embaralhada de indígenas diferentes com costumes complexos, centrífugos aos dos viajantes.

A velocidade com que todas essas civilizações foram postas em contato gerou conseqüências socioculturais realmente comparáveis aos fenômenos naturais tropicais, tais como os furacões dos quais falava Carpentier. Como seria possível pensarmos em unidade numa sociedade formulada a partir dos escombros dos naufrágios e dos desembarques desastrados em nossas praias?

¹ Alejo Carpentier, escritor cubano, re-significou a palavra *desmesura* através do substantivo americana. *Americana-desmesura* significa uma imensidão geográfica-visual somente conhecida a partir do descobrimento do continente americano.

Ainda hoje observamos que tudo o que encalhou em nossas areias foi aproveitado e re-arranjado. Os elementos locais mesclaram-se àqueles vindos de longe e, o que no princípio foi o imprevisto pela emergência da sobrevivência náufraga, torna-se parte dos “fazeres” do continente. Porém essa solda cultural inicialmente improvável não gerou uma síntese definitiva entre as estranhezas, nenhum cristal cultural que nos assegurasse uma identidade, uma origem determinada, mesmo que uma origem definida a partir de escombros.

O que percebemos, no entanto, é que a conexão sintática de elementos estranhos torna-se procedimento fundamental para conviver e compor com a instabilidade das condições de vida na América Latina. É preciso aceitar que nossos procedimentos conectivos não são fiéis a uma única ideologia, e que as sintaxes resultantes são acima de tudo provisórias, pois os sistemas culturais estão em constante movimento e, por isso mesmo, as conexões apresentam-se como formulações frágeis de sentidos. Duram enquanto houver tensão entre suas partes. A qualquer instante outro elemento pode agregar-se ao conjunto ou desistir dele, traindo qualquer ilusão de unidade e permanência que se possa ter. Neste contexto, o elemento anônimo constitui matéria prima importante na configuração cultural do continente.



Mapa aéreo da região do centro velho de São Paulo. Sítio acessado em fevereiro de 2010:
[www.http://panoramio.com](http://panoramio.com)

Cada quadradinho sobre a foto aérea acima corresponde a uma miniatura de registro fotográfico do local sobre o qual ela está “colada”. As fotos são enviadas pela internet por cidadãos que interagem com o site. Ao clicarmos sobre a miniatura, a imagem é aumentada. O site nunca está pronto, sempre recebe atualizações de usuários e as fotos são substituídas. Às vezes um mesmo ponto tem mais de um registro armazenado. É interessante notar que, não raro, as fotos são de locais sem nenhum atrativo arquitetônico especial, e sim registros de vivências e interesses pontuais, de repercussão ínfima, mas que em conjunto estabelecem um registro móvel, em mosaico, de uma cidade única, naquele instante.



Centro de São Paulo antes da chuva. Foto de Paulo Pinto.

Sítio acessado em fevereiro de 2010: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades/>

A natureza abismal do nosso continente impõe-se em manifestações furiosas que rememoram a Pangéia: furacões, vulcões, ciclones, secas, inundações e terremotos de escalas continentais. Do mesmo modo, as dimensões, as proporções dos espaços, as distâncias entre lugares, os vazios e os cheios tangenciando o infinito, nos impedem de conter as paisagens em uma única síntese pictórica como recurso descritivo. As insurreições cataclísmicas das Américas contrastam com a tranquilidade geológica do velho continente Europeu, e aqui sabemos que o incontrolável da força da natureza está incluído em nossa cultura e espiritualidade.

(Na Europa) o raio deixou de ser uma manifestação da ira divina desde que Benjamim Franklin o caçou com um pára-raios. E a chuva torrencial foi substituída, há tempos, pela garoa que encharca lentamente, por persuasão, os transeuntes que nada fazem para evitá-la nas ruas de suas cidades [...] A América ainda vive sob o signo telúrico das grandes tempestades e das grandes inundações. Sempre haverá algum boletim meteorológico, de

Miami, de Havana, da ilha de Gran Caimán, para nos lembrar que nossa natureza ainda não é tão “gentil” nem tão “pacificada” como Goethe gostaria que fosse a do mundo inteiro – à semelhança de sua romântica Alemanha. (Carpentier, 2006:106-107)

As tempestades americanas citadas por Shakespeare e outros autores europeus ainda não deixam de surpreender o mundo. Existem persistentes ciclos anuais de chuvas, furacões, ciclones e terremotos, manifestando forças impossíveis de serem domesticadas e moduladas pelo homem.

Conseqüentemente, não foi possível ao homem da América portuguesa dominar todo o entorno aplicando a geometria régia e cortando a pedra no ângulo reto. Foi preciso ir contornando, negociando com a geografia, ancorando cidades na beira dos mares e dos morros. Para Carpentier, *o homem latino-americano e suas cidades estão em constante mutação, nunca prontos.*

A distância é dura e tantálica, por isso mesmo que cria imagens-espelhismos que estão fora dos alcances musculares do contemplador. A desproporção é cruel porquanto se opõe ao módulo, à eúritmia pitagórica, à beleza do número, ao corte do ouro. (Carpentier, 1969:23)

Cidade abismal

Não menos importantes são as manifestações da natureza nas áreas urbanas. Nas metrópoles da América Latina a natureza se impõe através dos regimes de luz, de ventos, além da insistência vegetal sobre o construído e da incontinência de córregos e rios que não conseguem permanecer retificados. O regime de forças naturais a que somos submetidos nos apresenta a desmesura como parte constituinte e ativa na conformação de nossas metrópoles. A natureza telúrica não é o único regime de forças que constitui a urbanidade das cidades do continente. Pertencem ao campo do urbanismo as forças coletivas que ocupam edifícios abandonados ou mesmo a lenta e invisível insistência da favelização, que se enquista em áreas mais ou menos privilegiadas da cidade.

O artista espanhol Dionísio Gonzalez faz inserções arquitetônicas em forma de fotomontagem no contexto caótico das favelas, mas não as organiza, apenas acrescenta intervenções imaginárias, micro-utópicas, que compõem

pontualmente com a paisagem existente, de modo que a favela do artista seja “quase possível”.



Nova Heliópolis, fotomontagem de Dionísio Gonzalez, a partir de foto da favela de Heliópolis na periferia de São Paulo. Sítio: www.dionisiogonzalez.com.es/ acessado em fevereiro de 2010.

No trabalho de Gonzalez fica evidenciada sua opinião sobre as favelas, que estas persistem como táticas de resistência à correção, à retificação do habitar. Para ele a favela deve resistir como *um sistema insurrecional do olhar*, algo que sobrevive e *desconstrói o imaginário arquitetônico contemporâneo* através de hibridações do precário. O artista quer mostrar que todos nós habitamos, não só os favelados, demolições de sentidos, vivemos em meio às catástrofes.



Foto aérea clicada por Juca Martins. Heliópolis, São Paulo
Sítio: <http://www.jucamartins.com/favelas1/> acessado em novembro de 2009

Portanto, configurações urbanas de difícil abordagem tais como as favelas, as ocupações, os moradores de rua, os albergues, entre outras,

requerem novas categorias críticas, que desuniversalizem a vitimização da pobreza, para que não sejam usadas como instrumento de sublimação estética do terrível, mantendo-o como pertencente ao outro, como alteridade pura. Porque nesse sentido, a segregação funciona como margem de segurança contra o terror e o espanto causado pela miséria. O trabalho de Gonzalez esclarece que não se trata de estetizar a pobreza, mas de incluir o inacabado e o precário como parte do cotidiano, como constituinte do urbano como um todo, sem idealizações.



Jovens na rua Oscar Freire, “meca” do consumo de luxo em São Paulo. Foto de Marcelo Isidoro Alves no sítio acessado em fevereiro de 2010:
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=909626>

As segregações são separações arbitrárias, definidas por preponderância de influências, por consumos categorizados. Construimos ilhas de segurança com redes de serviços intramuros, exclusivos às populações solventes das cidades - são os condomínios, os shopping centers, os centros empresariais e até mesmo as ruas de comércio, nas quais os muros construídos não existem, mas a segregação se dá a partir da seleção de um público alvo, consumidor daquele espaço, portanto, de qualquer modo, os “excluídos” não têm porque estar ali.

Nos anos 70, Vilém Flusser faz predições de um futuro instável, onde não reconheceríamos mais nossos lares burgueses. O primeiro sintoma de instabilidade que o autor identifica são os rastros deixados pelas migrações internas, no caso do Brasil, de nordestinos em direção ao sul do país, especialmente para São Paulo. Refere-se aos migrantes como *nenês famintos*, por serem submetidos ao tratamento assistencialista por parte do poder

público, que investem na desfavelização e na canalização dessas populações para a periferia como estratégia de controle e proteção da cidade. Essa postura só conseguiu reforçar ainda mais a posição marginal dessas populações. Vilém Flusser ainda profetiza que os *nenês* não permaneceriam nas periferias, e que, ao contrário, descontentes, avançariam de volta para o centro. O autor recomenda que todos, não só os marginalizados, captem esse movimento como parte inexorável da urbanidade a partir de então.



Foto de Marcelo Min, sítio acessado em março de 2005: www.fotogarrafa.com.br

Está se processando profunda modificação da forma como moramos. Modificação comparável apenas àquela no início do neolítico, quando passamos ao estagio sedentário. Estamos abandonando a forma sedentária de vida. Estamos de mudança, indivíduos e grupos. Observador distanciado da atualidade terá imagem de formigueiro espantado por pé transcendente. (Flusser, 1983:102)

Atualmente podemos verificar que o refluxo dessas populações para o centro de São Paulo aconteceu de fato, só que de maneira mais complexa, pois para permanecer nos centros, os *nenês famintos* competem - tribos contra Estado - com a revalorização do solo central das grandes cidades, promovido pelo poder público em consórcios com a iniciativa privada, recuperando o centro como pólo atrativo de produção de capital.

Vilém Flusser, mesmo reconhecendo que “lar” não é necessariamente um lugar fixo, e que perdê-lo não significa ter que sair ou ser expulso, continua ameaçando, com ironia, a segurança do burguês. Mostra a

fragilidade de seu território sagrado transformando-o em lugar irreconhecível quando invadido por hordas famintas de subdesenvolvidos. As fronteiras do suportável são invadidas, pois não conseguir manter as barreiras que separam o “lar” do contato com o indesejável é o mesmo que *ter que viver em ambiente inabitual, portanto inabitável*.

Pulsões de valorização, desvalorização e revalorização do solo urbano contribuem para a circulação dispersa dos *nenês* pela cidade, que seguem resistindo à força centrífuga que os empurra para fora das fronteiras da cidade. Movem-se como *navegantes nômades*². Por mais que essas populações nômades sejam vigiadas e a cidade seja esquadrihada pelos radares da polícia e pelos diagnósticos sociais, a permanência dos *nenês* nos centros superpõe-se à organização imposta pelo Estado. O controle não atinge necessariamente sua *navegância* errante.

Términos como “plegamiento”, “grieta”, “nomadismo”, “plataforma” o “base” son no sólo metáforas geográficas y geológicas sino un intento de organizar la diversidad espacial. “Instalación”, “flujo”, “producción” o “intempestivo”, son también términos que procediendo de las experiencias estéticas contemporáneas se convierten en verdaderas categorías filosóficas. (Solà-Morales, 2002:72)³

A cidade libera buracos e trincheiras como formas de resistência nômade, são *imensas favelas móveis, temporárias, de nômades e trogloditas, restos de metal e de tecido, patchwork, que já nem sequer são afetados pelas estriagens do dinheiro, do trabalho ou da habitação. Uma miséria explosiva...* (Deleuze-Guattari, 2002:189)

A cidade impõe controles que não param de ser transgredidos, mas também abriga sistemas que exigem tradução, que migram da marginalidade ao centro. São segundo Deleuze-Guattari os *espaços estriados e os espaços lisos*; e na cidade os dois tipos de espaço operam em jogos *dessimétricos*, distintos, mas não opostos.

² Deleuze e Guattari citam a navegação nômade, empírica e primitiva, guiada por ventos, ruídos, cores e sons do mar, anterior às determinações da longitude e da astronomia, em Mil Platôs, vol.V, cap. 14. p.186

³ *Termos como dobra, brechas, nomadismo, plataforma ou platôs são não somente metáforas geográficas e geológicas como também uma tentativa de organizar a diversidade espacial. Instalação, fluxo, produção ou intempestivo são também termos que procedendo das experiências estéticas contemporâneas se convertem em verdadeiras categorias filosóficas.*

... ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. (Deleuze-Guattari. 2002: 188)

Os *nenês famintos*, os ambulantes, os moradores de rua, escancaram na existência nômade na cidade um revide à força da estriagem. Ser nômade não significa necessariamente o eterno ir e vir, podendo mesmo significar uma permanência, resistir aos estriamentos dos espaços justamente por não migrar. São nômades por tentarem manter um espaço de intensidades, incerto, onde *prossegue o afrontamento entre o liso e o estriado, as passagens, a alternância, e superposições*. Nos espaços lisos, o percurso faz perder a fixidez dos pontos, pois, segundo Deleuze/Guattari, *estão subordinados ao trajeto*.

Já era o vetor vestimenta-tenda-espaço do fora, nos nômades. É a subordinação do habitat ao percurso, a conformação do espaço do dentro ao espaço do fora: a tenda, o iglu, o barco. Tanto no liso como no estriado, há paradas e trajetos; mas no espaço liso, é o trajeto que provoca a parada, uma vez mais o intervalo toma tudo [...] No espaço liso, portanto, a linha é um vetor, uma direção e não uma dimensão ou uma determinação métrica. É um espaço construído graças às operações locais com mudanças de direção. [Tais mudanças de direção] podem dever-se, todavia mais, à variabilidade do alvo ou do ponto a ser atingido, como entre os nômades do deserto, que vão em direção a uma vegetação local e temporária. (Deleuze-Guattari, 2002:184-185)

A cidade comprova a todo instante a ineficiência da classificação, do rastreamento das populações nômades e da circunscrição de seus *espaços lisos*, como estratégia de proteção. É que a cidade continua se esburacando, abrindo brechas apesar e por causa da *estrialização*. Uma *cidade menor* introduzindo-se numa *cidade maior*, ou seja, esses movimentos nômades insistindo em acontecer. Ao mesmo tempo em que resistem aos sistemas de controle, reivindicam a tradução de sua marginalidade, provocando mais deslocamentos

Há como viver sem temer ser esmagado pelo *pé transcendente* de que fala Vilém Flusser? É preciso entender que a *cidade menor* e a *cidade maior* não param de se influenciar, isto é, a cidade maior inspira-se na cidade menor e vice versa. A tradução daquilo que é estranho e de sua possível incorporação, ainda que fragmentária e parcial, pela *cidade maior*, é a *estriagem* do *liso* nômade, o qual continua abrindo seus buracos e escapando.

A questão que Vilém Flusser apresenta como contraponto ao cinismo da arquitetura atual é a impossibilidade e ineficiência da estratégia de represar e neutralizar os *nenês* nas periferias e não se render ao território-desterritório da vida urbana atual. A cidade é também o lugar do assombro e só no encontro com o *assustadoramente outro* é que a cultura pode frutificar.

O (assombro) de Colombo diante da América beira freqüentemente o delírio: quando se aproxima da desembocadura do Orenoco pensa que descobriu um dos rios que vêm do paraíso [...] Por sua vez, os índios não entendiam esse animal centáurico composto por homem e cavalo; maravilharam-se quando um conquistador desceu de sua cavalgada: um ser que se divide em dois! [...] Pois bem: esse assombro recíproco é o ovo de onde sairá a cultura latino-americana, toda sua arte criativa. (Moreno, 1972: XX-XXI)⁴

MILA GOUDET é Doutora em Comunicação e Semiótica - PUCSP e participa do Grupo de Pesquisa Cultura e Comunicação: Barroco e mestiçagem (CNPq). Concluiu Mestrado pela Psicologia Clínica no Núcleo de Subjetividades Contemporâneas na PUCSP. Graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na EESC- USP São Carlos.
Email: milagoudet@gmail.com

Referências Bibliográficas

CARPENTIER, Alejo. *Literatura e Consciência Política na América Latina*. São Paulo: Global editora, 1969.

CARPENTIER, Alejo. *Visão da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, vol. V*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2002.

FLUSSER, Vilém. *Pós História: Vinte Instantâneos e um Modo de Usar*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1983.

LAPLANTINE, François. *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, pgs 15, 16.

MORENO, César Fernandez (org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

SOLÁ-MORALES, Ignasi. *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2002.

⁴ Introdução do autor para o livro *América Latina em sua Literatura*, patrocinado pela UNESCO.